## ARROZ

### Preços liberados

Há poucos dias, os preços do arroz no mercado de varejo foram novamente liberados. Segundo se anunciou oficialmente, a decisão, possibilitada pelo fato de o governo já deter estoques capazes de evitar uma nova disparada de preços, objetiva incentivar o plantio, ainda em andamento, da próxima safra do cereal.

A liberação dos preços certamente contribuirá para gerar no produtor uma expectativa de melhor remuneração, no próximo período de comercialização. No caso do arroz, no entanto, este efeito possivelmente terá importância reduzida. Isto porque não foram poucas as vezes em que a tabela foi eliminada, quando do plantio de uma safra, e reativada logo que se tornaram conhecidos os resultados da colheita. Assim, é provável que o produtor já tenha claro que nada assegura a continuidade de um mercado livre no próximo ano, a não ser uma safra abundante.

Entre os empresários ligados à comercialização intermediária e final do produto, a notícia foi recebida com fortes manifestações de regozijo. No entanto, supondo que não venham a ocorrer atrasos das importações e outros problemas na distribuição dos estoques governamentais, os interesses dos comerciantes e consumidores certamente serão afetados em proporção menor do que a alardeada. Na verdade, a escassez física de arroz que se verifica no mercado desde fins do ano passado, conseqüência da frustração de duas safras seguidas, inviabilizou completamente o cumprimento da tabela nos últimos meses. Há muito que, nos centros menores de consumo e na periferia das grandes cidades, os preços da tabela foram simplesmente esquecidos. Nos supermercados, o preço do produto era igual ao limite máximo estabelecido pelas autoridades, mas a qualidade, sempre inferior à correspondente àquele preço. O artifício de misturar mercadoria de diversos tipos e qualidades e vender o produto pelo preço de arroz de primeira, apesar de pouco ético, era o único capaz de compatibilizar o preço tabelado no varejo às cotações do arroz nos demais segmentos do circuito de comercialização e, portanto, acabou sendo tolerado.

Assim, a desativação da tabela deverá provocar um reestabelecimento da hierarquia de preços dos diversos tipos de arroz, a qual foi praticamente eliminada, em função do longo período em que os preços estiveram controlados. Em conseqüência, é provável que se normalize o fornecimento de produto de diversas qualidades a preços também diferentes. O consumidor de arroz de primeira terá que pagar mais pelo produto, obtendo, em contrapartida, um arroz de melhor qualidade. Os consumidores de renda mais baixa talvez venham a ser até beneficiados, uma vez que a parcela da oferta de arroz inferior, anteriormente desviada para composição do produto melhor, voltará a tornar-se disponível para a venda em varejo. O consumidor voltará a escolher o tipo de arroz que satisfaz suas necessidades, ou, ao contrário, cujo preço é compatível com seu orçamento. No entanto, o fato de poder "escolher" o produto que deseja consumir, certamente, não é compensação suficiente para quem está sendo obrigado a pagar pelo cereal quase 80% a mais do que no início do ano.

Em suma, a decisão governamental não parece estar sujeita a críticas mais contundentes. A situação de mercado (não cumprimento da tabela em todo comércio varejista, escassez repentina e passageira em alguns centros de consumo, etc.) estava a exigir alguma correção por parte das autoridades. A hipótese de reajustar os preços da tabela e empreender uma fiscalização efetiva de seu cumprimento podia ser descartada por motivos já bastante conhecidos. A liberação dos preços parece constituir o caminho mais simples pa-

ra a normalização do abastecimento desde que a oferta interna venha a ser complementada, a tempo, pelo produto importado. ✱

## CACAU

### Altos estoques mundiais

Com o anúncio das primeiras previsões para a safra mundial de 1979/80, verifica-se mais um período de crescimento dos estoques mundiais de cacau, o terceiro consecutivo. Os níveis de estoques são, no momento, comparáveis aos do início da safra 1971/1972. Os preços internacionais, que têm mantido tendência de baixa acentuada neste último mês, não parecem ter chance visível de recuperação. As pressões sobre o mercado físico têm sido contínuas e, ao que parece, provocadas pela revenda de estoques de países consumidores, associada à necessidade que têm os produtores de colocar seu produto no mercado.

Com a disponibilidade de cacau da nova safra, essa pressão deverá aumentar ainda mais, com danosas conseqüências para a receita cambial dos países exportadores de cacau durante o ano de 1980. O que hoje ocorre é uma inversão do que se viu em 1978, quando os altos preços obtidos nessa época do ano permitiram aos produtores a entrada de 1979, com garantia de boa receita financeira para as exportações de cacau. Possivelmente, 1980 não mostrará um quadro tão bom quanto o deste ano (quando as exportações brasileiras alcançarão algo próximo do bilhão de dólares) sendo as primeiras estimativas fixadas em 700-800 milhões de dólares.

No entanto, deve-se considerar que o retorno das cotações internacionais para o patamar de US$ 1,00 por libra-peso não está tão próximo quanto desejam os países consumidores. A negociação de um novo Acordo Internacional já deverá encontrar os produtores mais flexíveis quanto à faixa de preços que influenciará a movimentação do estoque regulador, uma vez que o mercado se mostra frágil em razão da perspectiva de depressão mundial em 1980. Garantir, agora, um preço médio da ordem de US$ 1,40 por libra-peso dará grande alívio aos países, que têm investido com maior intensidade no crescimento de sua produção, como o Brasil e a Costa do Marfim, que disputam a primeira colocação entre os grandes produtores mundiais.

O que parece certo é que, mais uma vez, os países desenvolvidos controlam os preços dos produtos primários que importam do mundo subdesenvolvido. Com os preços do petróleo fora de seu controle, e com perigo crescente de uma forte recessão econômica, os países industrializados começam a forçar a baixa dos preços de matérias-primas vegetais. Desse modo, poderiam ter algum controle sobre o preço interno de seus produtos finais. É certo, ainda, que a conjuntura atual permite prever um retorno das tendências de preços à normalidade, sem as fortes oscilações que se verificaram nestes dois últimos anos.

No Brasil, de qualquer modo, os preços internacionais ainda permitem uma boa remuneração ao produtor de cacau. No entanto, com a ocorrência de safras cada vez maiores em virtude do programa de expansão implantado a partir de 1975, e com o conseqüente aumento na demanda por mão-de-obra, os custos deverão crescer um pouco mais, reduzindo a receita líquida do produtor, tornando delicada a situação, se nova queda de preços vier a ocorrer no mercado internacional. ✱